



**MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DE D. PEDRO II NA FESTA DO DIVINO
ESPÍRITO SANTO EM ALCÂNTARA/MA**

Ilanna Maria Izaias do Nascimento UESB/Brasil¹

Maria Aparecida Silva de Sousa UESB/Brasil²

INTRODUÇÃO

A Festa do Divino Espírito Santo, realizada na cidade de Alcântara/Ma, é considerada como uma tradição cultural que se encontra arraigada na memória dos seus habitantes, de um modo mais amplo, e principalmente daqueles que participam diretamente da comemoração. O presente estudo, ainda em fase inicial, tem como objetivo discutir alguns elementos primordiais da festa, como o Império do Divino, o qual é representado por personagens que resgatam os elementos pertencentes à nobreza portuguesa, a utilização da memória e representação da figura do Imperador D. Pedro II como fatores que influenciaram na realização dessa manifestação cultural. Muitos moradores da cidade relatam uma possível visita do imperador à cidade, que nunca aconteceu e deixou impressões no imaginário popular. Baseado em Schwarcz (1998, p 360-361) relata que:

as viagens da família imperial geravam tal comoção que, muitas vezes, as cidades se preparavam mesmo antes da formalização da visita. Esse é o caso de Alcântara, que se adornou para a recepção, mas fugiu ao itinerário, ou de vários outros relatos falando de visitas que, na verdade, não existiram. Nesse caso, até parece que a representação se deslocava à frente do próprio monarca.

Nos estudos relativos à Festa do Divino no Maranhão encontram-se vários autores, destacando-se Pacheco, Gouveia e Abreu (2005, p. 02) que explicitam acerca da possível origem da festa na cidade de Alcântara/Ma:

No Maranhão, o culto ao Divino Espírito Santo provavelmente teve início com os colonos açorianos e seus descendentes, que desde o início

1 Graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Endereço eletrônico: ilannanascimento@ifma.edu.br

2 Professora titular do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Orientadora. Endereço eletrônico: mariacida3@yahoo.com.br



do século XVII começaram a habitar a região. Em meados do século XIX, a tradição da festa do Divino estava firmemente enraizada entre a população da cidade de Alcântara, de onde teria se espalhado para o resto do Maranhão, tornando-se muito popular entre as diversas camadas da sociedade, especialmente as mais pobres.

Embora já se tenha feito inúmeros estudos sobre esta festividade, ainda carecem análises que tratem do campo da memória como um dos fatores primordiais em analisar a sua importância para a preservação da identidade cultural local. Em função disso, percebeu-se a necessidade de se voltar em estudos nessa área para que se possa ter a compreensão dessa manifestação cultural, bem como o entendimento dos motivos que a mesma continua como uma tradição secular para todos os alcantarenses através da rememoração do período imperial, apresentando a nobreza de uma corte Divina, revivendo um “império” rico em significados e simbologias, o qual merece ser investigado cientificamente.

Dessa forma, parte-se do pressuposto que na produção de crenças e práticas religiosas estão os modos de representação e compreensão individual e em grupo que são sustentadas pela memória, que é revivida nos lugares, nos discursos e nas práticas, mas também nos processos de esquecimento ou de silenciamento. No decorrer da festa, as pessoas encarregadas da representação do Império usam trajes característicos desse período e durante os dias da comemoração, gozam das regalias e privilégios das personagens que encarnam (Figura I e II). A pesquisa tem propiciado a formulação de algumas questões: Como se explica a sobrevivência da representação da figura de D. Pedro II e de elementos do Império brasileiro em pleno Estado Republicano? A memória de D. Pedro II, imperador, funciona como um mecanismo de resistência aos valores defendidos pela monarquia? Qual o significado da festa para a população local, sobretudo a representação da corte imperial? Como a presença de uma corte imperial na Festa do Divino Espírito Santo é representada e se relaciona com as memórias após a queda da monarquia?

Assim, estudar as manifestações que envolvem religiosidade, sagrado e o profano, ou seja, o que é divino torna-se uma busca por compreender os aspectos comunicacionais dos elementos religiosos de determinada cultura, além de buscar nas memórias do grupo participante dessa manifestação a representação da sua própria historicidade. Para isso, já foram realizadas parte das entrevistas com os participantes e organizadores da festa, bem como a pesquisa nos acervos documentais como jornais, fotografias, atas da Câmara Municipal e documentos do governo estadual com o fito de identificar e refletir sobre



as origens da comemoração e as possíveis mudanças ocorridas ao longo do tempo. A construção da memória dos grupos presentes na festa que possui diversas hierarquias - a presença da realeza, no topo, do povo e das caixeiros negros como expressão da presença escrava na região - possibilita discutir sobre a visão dos alcantarenses acerca do ritual e a importância da sua simbologia na contemporaneidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por ser ainda um estudo em fase inicial, observou-se em alguns dados coletados em fonte bibliográficas e narrativas de alguns participantes cuja devoção ao Divino Espírito Santo tem presença marcante entre os alcantarenses e está atrelada à vivência e à transmissão de tradições que, atualizadas em cada Festa, delineiam a identidade e a cultura desse povo.

Realizada há mais de um século em Alcântara, ao preservar símbolos e significados do período Imperial, a Festa do Divino guarda também testemunhos da História, contribuindo, assim, para formar os elos da sociedade local com as personagens da realeza. Para Antônio Barbosa, mestre-sala há 25 anos na festa do Divino, *“essa festa se deve à Rainha Isabel Aragão, rainha de Portugal, que fez uma promessa e como forma de pagamento iniciou esse culto ao Divino”*.³

No que diz respeito a realização dessa festa na cidade de Alcântara, tem-se o relato do coordenador, Sr. Moacir Amorim, que está há 60 anos à frente da coordenação. Ao comentar sobre a festa, afirma: *“essa festa veio trazida pra cá de Portugal, Açores, tanto que segundo as informações, a princesa, dizem... a princesa Isabel quando libertou os escravos, ela doou essa coroa para o Brasil”*.⁴

É nas festas tradicionais onde há o encontro da memória individual e da memória coletiva, havendo uma relação intrínseca das duas. Segundo Maurice Halbwachs (2003), a memória individual e a memória coletiva se alimentam e guardam informações importantes para os sujeitos garantindo a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros, pois a memória sempre tem um fundo social.

Contudo, pode-se levar em consideração que na produção de crenças e práticas

3 Entrevista com mestre-sala da Festa do Divino Espírito Santo realizada por Ilanna Maria Izaias do Nascimento em 16 de fevereiro de 2017.

4 Entrevista com coordenador da Festa do Divino Espírito Santo realizada por Ilanna Maria Izaias do Nascimento em 13 de abril de 2017.



religiosas estão os modos de representação e compreensão individual e em grupo que são sustentadas pela memória, que é revivida nos lugares, nos discursos e nas práticas. Conforme Le Goff (2013, p.435), a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Assim, a memória torna-se de fundamental importância devido a sua capacidade de agir sobre o presente e contribuir para a afirmação da identidade de um povo.

Na evocação do passado, a memória de alguns indivíduos frequentemente apela para a lembrança dos outros, recorrendo a acontecimentos vividos indiretamente e ampliando-se através do contato com novas informações. No entanto, a evocação das tradições retém somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo, que mantém a lembrança de acontecimentos que só a eles interessam. Neste sentido, as observações formuladas por Michel Pollack (1989) serão de fundamental importância, pois considerando que aponta para a memória como um fenômeno em permanente construção e como tal possibilita lembrar, mas também o silenciamento seja do indivíduo, seja do grupo social, conscientemente ou não, a depender das circunstâncias históricas.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Ao abordar manifestações da cultura popular, as quais são visivelmente representadas nas crenças, festas e hábitos fazendo-se constituintes do patrimônio cultural brasileiro, deve-se levar em consideração e enfatizar que todo espaço possui uma significação de existência que o torna singular, definidor de uma identidade. Além de ser considerada uma expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso e simbólico (DEL PRIORE, 2000, p. 10).

Durante as pesquisas, observações e entrevistas, tornou-se evidente que a memória dos participantes da festa se mescla a lembranças de narrativas, às suas vivências e referências em relação a essa comemoração. Estes tratam como uma tradição que se refere aos bens culturais, valores, costumes que foram herdados e se agregaram à identidade cultural e social. No que diz respeito à memória da figura de D. Pedro II e seu império, esta está caracterizada como uma construção coletiva de uma prática social na reconstrução de passado imaginado, como uma construção simbólica desse passado, o qual se realiza de



forma contínua como modo de manutenção cultural de uma realidade que ainda produz efeitos de sentido na cidade de Alcântara/Ma.



Figura I



Figura II

Imperador do Divino ano 2011 Cartaz da Festa do Divino Espírito Santo ano 2017

Palavras-chave: Festa do Divino Espírito Santo. Memória; Representação.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **Divino Espírito Santo (Re)ligando Portugal/ Brasil no imaginário religioso popular**. VI Congresso Português de Sociologia – Mundo Sociais: Saberes e Práticas. Universidade Nova Lisboa. 2008. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/188.pdf>. Acesso em 04 de abril de 2017.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festa e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

LE GOFF, J. **História & Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

PACHECO, Gustavo; GOUVEIA, Cláudia; ABREU, Maria Clara. **Caixeiros do Espírito Santo de São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005.) Disponível em: <http://www.museuafro.ufma.br/arquivos/d3e0dc492a99fa5d505f030295d3b0cc>.



pdf>. Acesso em: 23 de mar. de 2016.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Memória. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **As barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.